

### **“O Existencialismo é um Humanismo” – Jean Paul de Sartre**

Para Sartre, a liberdade não se resume ao podemos escolher, ela se dá pela invenção das possibilidades. Nós podemos inventar nossas opções. Mas isso acontece, sobretudo, quando inventamos a nós mesmos. A mais profunda liberdade é poder escolher o que somos e não apenas o que fazemos. Nós escolhemos um projeto para nós mesmos, o que Sartre chama de *compromisso*.

Nós nos comprometemos com nossos valores, gostos, desejos e projetos. Sobre o que somos e o que seremos, nós decidimos. A razão disso tudo é a liberdade, que nos permite tornar um tipo de pessoa, voltar atrás ou mudar para outra direção.

A liberdade exige cada vez mais liberdade, liberdade de ser o indivíduo que queremos - bons, felizes, tristes, inteligentes, cultos, esportistas, verdadeiros, fingidos, torcedores fanáticos, mães solteiras, etc. Liberdade de escolha – mesmo com limites, a partir da nossa vida, nós decidimos a criação de uma outra vida para nós. “Não importa o que fizeram de mim, o que importa é o que eu faço com o que fizeram de mim”. (Sartre).

Mas ninguém é livre sozinho. Para nos fazermos e refazermos, precisamos de outros com as mesmas possibilidades. É a liberdade dos outros que garante a nossa liberdade. Imagine se ninguém fosse livre a não ser você? Seria como um jogo de futebol em que todos os demais jogadores estivessem presos ao chão. Que gosto teria jogar sozinho? Quanto mais livres são os outros, mais livre nós seremos. Cada um, com sua liberdade, pode inventar a si mesmo e, assim, reinventar o mundo, as cidades, os grupos, lembrando, sempre que a violência entre os homens começa quando alguém não respeita a liberdade do outro.

Sartre foi um filósofo que viveu as consequências de um mundo pós-guerra, em que busca a imagem, a essência de um ser temporal. As dimensões que compõem o tempo passado, presente e futuro, são momentos estruturados de uma síntese original.

Sartre estabelece o alcance e os limites da atividade reflexiva e passa a investigar a própria reflexão em sua estrutura essencial.

O meu passado é tudo aquilo que eu sou, no modo do ser em-si, denso e compacto, mas tudo isso fica atrás de mim, um passado que não é presente, que não posso mais vivê-lo nem corrigi-lo, que o que apreendo dele me coloco à distância. O ser passado, conhecido no presente que é o em-si, sua reflexão é pura, pois a torno em um objeto.

Mas esse em-si que é presente me distancio dele, pois já não sou ele mais, podendo dizer que: penso, logo fui. O que sou então no presente? Se o meu ser em-si que é presente fujo dele, então me nego como existente no presente.

O meu presente é ser presente ao em-si de um modo geral; sendo assim, o para-si define-se como presença ao ser, mas não no sentido de que a presença se acrescenta à realidade humana: "o para-si se faz presença ao ser ao se fazer ser para-si".

Ele não é o que é (passado) e, simultaneamente, é o que não é (futuro). E o presente é precisamente a negação do ser, a angústia de um ser que não é o que é (passado), para um ser que é o que não é (futuro).

Estou separado de meu futuro pelo nada que sou, um nada que me condena a ser livre. Eis a definição do futuro: Ele é o que eu seria se eu não fosse livre, e é o que devo ser porque sou livre.

Projeto-me no futuro, para me juntar àquilo que me falta e que, sinteticamente acrescentado no meu presente, fará com que eu seja aquilo que sou.

O para-si deve viver nesta contínua procura de um completamento, nesta contínua projeção temporal.

A liberdade de realizar possibilidades é o inquietante destino do homem: ser livre significa estar condenado a ser livre. O em-si a essência precede a existência. O para si a existência precede a essência.